



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO - ICHI



CAROLAINE DA ROSA OLIVEIRA

MAPEAMENTO DOS ESTUDOS SOBRE O KOHA NO BRASIL

Rio Grande
2021

CAROLAINE DA ROSA OLIVEIRA

MAPEAMENTO DOS ESTUDOS SOBRE O KOHA NO BRASIL

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, referente ao segundo semestre letivo de 2020 do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angélica Conceição Dias Miranda.

Coorientador: Milton Shintaku - coordenador de tecnologias para informação - COTEC do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT

Rio Grande
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R173m OLIVEIRA, Carolaine da Rosa

Mapeamento dos estudos sobre o Koha no Brasil / Carolaine da Rosa Oliveira. – Rio Grande : Universidade Federal do Rio Grande FURG, 2021. –

41 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, 2021.

Orientadora: Prof.^a Dra. Angélica Conceição Dias Miranda.

coorientador: Milton Shintaku

1. Koha no Brasil I. Miranda, Angélica Conceição Dias II. Universidade Federal do Rio Grande III. Instituto das Ciências Humanas e da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2021 IV. Título

Fonte: elaborado com o auxílio da ferramenta de Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFABC¹

¹ http://portal.biblioteca.ufabc.edu.br/ficha_catalografica/

CAROLAINÉ DA ROSA OLIVEIRA

MAPEAMENTO DOS ESTUDOS SOBRE O KOHA NO BRASIL

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, referente ao segundo semestre letivo de 2020 do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Angélica C. D. Miranda – Orientadora ICHI - FURG

Prof. Dr. Milton Shintaku – Co-orientador IBICT – DF/BSB

Prof. Dr. Rodrigo Aquino de Carvalho - ICHI - FURG

Bibliotecária Elisangela Mora Pires - CRB 10/2314



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA



TERMO DE RECONHECIMENTO DE VERSÃO FINAL DO TCC

Eu, professora Dra. Angélica Conceição Dias Miranda reconheço a versão final para entrega e armazenamento do trabalho de conclusão de curso de Carolaine da Rosa Oliveira sob o título de Mapeamento dos Estudos Sobre o Koha no Brasil com o total de 41 páginas.

Rio Grande, _11_ de maio de 2021.

Angélica Conceição Dias Miranda

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar essa monografia as seguintes pessoas:

Agradeço primeiramente à Deus, pela coragem e força de vontade para superar os desafios.

Agradeço principalmente ao meu pai Marcelo e à minha mãe Luiza, pelo apoio, carinho e dedicação por nunca desistirem de mim, meu eterno amor a vocês.

Gostaria de agradecer a minha pequena princesa Sophia, minha irmãzinha sapeca, que é minha luz e meu pequeno anjinho.

A minha avó Rosa Amélia e meu avô Adélcio pelo amor e carinho. Amo vocês, meu eterno agradecimento.

A minha tia Juliana pelo apoio e incentivo na época que eu estava realizando o ENEM.

A minha prima Milena (*in memoriam*) que partiu cedo demais, eu sei que ela está cuidando e torcendo por mim. Meu eterno agradecimento nunca vou esquecer você prima te amo.

As minhas amigas Lindsey Bastos, Giselly Santos, Edna Karina, Tatieli Moraes e Juliane Ramires, agradeço pelo companheirismo e ajuda durante algumas tarefas ao decorrer do curso e principalmente pelas risadas. Meu eterno agradecimento, obrigada por fazerem parte dessa caminhada.

Agradeço à minha orientadora Angélica Miranda que me inspirou e incentivou durante a pesquisa. Obrigada por nunca ter desistido de mim.

EPÍGRAFE

*Eu tentei 99 vezes e falhei, mas na centésima tentativa eu consegui, nunca desista de seus objetivos mesmo que esses pareçam impossíveis, a próxima tentativa pode ser a vitoriosa.
(Albert Einstein)*

RESUMO

OLIVEIRA, Carolaine da Rosa. **Mapeamento dos estudos sobre o Koha no Brasil**. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, 2021, 40 p.

A evolução tecnológica possibilitou, entre outras coisas, a informatização de atividades das bibliotecas, principalmente na gestão de seu acervo. Uma dessas ferramentas é o software livre Koha, criado na Nova Zelândia, tornando-se o mais utilizado no mundo. Entretanto, no Brasil ainda não é tão conhecido e utilizado se comparado a outros, principalmente nas bibliotecas universitárias. Assim, o presente estudo pesquisou sobre o Koha no Brasil, por meio de estudo documental, com o cunho qualitativo. Com isso, como um dos principais resultados da análise pode-se mapear as instituições usuárias do software, mesmo com a pequena quantidade de publicações sobre o koha no país. Revela-se, dessa forma, a necessidade de maior divulgação para fomentar o uso e estudos sobre essa ferramenta.

Palavras – chave: KOHA. Brasil. Software. Evolução tecnológica.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Carolaine da Rosa. **Mapping of studies on Koha in Brazil**. Monograph (Undergraduate Library) - Federal University of Rio Grande, Institute of Humanities and Information, Rio Grande, 2021, 40 p.

Technological evolution has made it possible, among other things, to computerize the activities of libraries, mainly in the management of their collections. One of these tools is the free software Koha, created in New Zealand, making it the most used in the world. However, in Brazil it is still not as well known and used when compared to others, mainly in university libraries. Thus, the present study aims to research studies on Koha in Brazil, through documentary study, with a qualitative approach. With that, as one of the main results of the analysis, it is possible to map the institutions that use the software, even with the small amount of publications about Koha in the country. In this way, it is revealed that it is more popular to encourage the use and studies on this tool.

Keywords: KOHA. Brazil. Software. Technological evolution.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estrutura do trabalho.....	15
Figura 2 - Trajetória das bibliotecas.....	19
Figura 3: Bibliotecas que utilizam o koha no mundo.....	25
Figura 4: Etapas da pesquisa.....	28
Figura 5: Planilha criada no google docs	30
Figura 6: Mapa das instituições que utilizam o Koha no Brasil.....	34

LISTA DE SIGLAS

TI - Tecnologia da informação

GPL - GNU General Public License

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

SIGB - Sistema Integrado de Gestão de Bibliotecas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Tema.....	13
1.2 Problema.....	14
1.3 Objetivos.....	14
1.3.1 Objetivo Geral.....	14
1.3.2 Objetivo Específico.....	14
1.4 Justificativa.....	14
1.5 Estrutura do trabalho.....	15
2 BIBLIOTECAS NA CONTEMPORANEIDADE.....	17
2.1 Automação de Bibliotecas.....	19
2.2 Software livre.....	22
2.3 KOHA.....	24
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	27
3.1 Caracterização da pesquisa.....	27
3.2 Etapas da pesquisa.....	28
3.3 Instrumento de pesquisa.....	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	31
4.1 Temática dos estudos.....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas nasceram a partir da necessidade de armazenar e conservar o conhecimento, mas com o decorrer do tempo evoluíram e deixaram de ser apenas um local que “abriga” os livros. Para Santa-Anna (2015 p.141-142) a evolução aconteceu:

Graças à invenção da escrita e da evolução dos suportes informacionais que o número de registros do conhecimento aumentou vertiginosamente, o que favoreceu, por conseguinte, a necessidade de organização desses registros visando sua posterior recuperação.

Após o surgimento das bibliotecas, surgiu a preocupação de quem ficaria responsável por manter viva a informação para as futuras gerações. A organização e preservação dos documentos estão ligados ao trabalho biblioteconômico, na visão de Milanesi (2002) para que a memória da humanidade, não fosse esquecida ou perdida, elas deveriam ser gerenciadas por profissionais adequados.

No decorrer do tempo elas foram se modificando, deixaram de ser o lugar que guardava livros grandes e pesados, para instituições fornecedoras de conhecimento. Martins (2001, p. 325) afirma que:

[...] as bibliotecas saem do isolamento e inserem-se na integração [...] desejando satisfazer as necessidades do grupo, assumindo-se a postura de um organismo carregado, dinâmico, multiforme da coletividade.

Um dos grandes fatores que impulsionaram as mudanças das bibliotecas durante os anos foi o avanço tecnológico, com ele foi possível criar ferramentas que seriam de grande ajuda para os profissionais. As bibliotecas, transformaram seus acervos físicos em ferramentas de estudo online, assim, auxiliando a disseminação de informação no mundo.

Conforme Jesus e Cunha (2019, p.2).

A chamada sociedade da informação surgiu no fim do século XX e trouxe mudanças de comportamento social que afetam diretamente a maneira como as bibliotecas tradicionais se portam. A partir daí as bibliotecas digitais começaram a se desenvolver e produtos e serviços prestados via telefone, fax e web, naquela época ainda bastante reduzido a e-mails ou chats cresceram. As bibliotecas precisaram se adaptar e, mesmo as que ainda não eram completamente informatizadas, já estavam se organizando nesse sentido.

Com a disseminação informacional trouxe a necessidade de criar e desenvolver novos setores e materiais diversificados, com as mudanças as bibliotecas passaram a ser mais acessíveis aos usuários. Os acervos das bibliotecas passaram por modificações e foram incluídos outros modelos de documentos como por exemplo: mapas, jornais, periódicos, etc.

Para Rodrigues (2017, p.1).

O mais urgente (além de ser apoiado financeiramente pelas autoridades públicas) é que as bibliotecas acompanhem a evolução da sociedade. É preciso que os profissionais da biblioteca sejam treinados para a evolução das práticas. Precisamos desenvolver nossas competências de relacionamento, pedagógicas e digitais. O treinamento me parece fundamental para mudar nossa mentalidade e imaginar a biblioteca do amanhã, uma biblioteca participativa, viva e conectada, que não tem mais exclusivamente o livro como centro de gravidade.

Com o aumento de informação as bibliotecas passaram a ter responsabilidade e preocupação em como conservar e organizar o conhecimento para as futuras gerações. Com o aumento das publicações, os acervos das bibliotecas cresceram, necessitando de métodos e sistemas para gerenciá-los, criando os primeiros catálogos, que posteriormente foram informatizados.

Assim, desde o início do uso de computadores, as bibliotecas estiveram presentes na procura de informatizar atividades relacionadas à gestão de acervos, culminando com os chamados Sistemas Integrados de Gestão de Bibliotecas (SIGB), apoiando atividades como a circulação, processamento técnico, aquisição e outros. No Brasil, como relatado por Rodrigues et al (2016), o SIGB mais utilizado em bibliotecas universitárias federais é o *software Pergamum*, mantido pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, com pouco uso de softwares livres.

No mundo, o SIGB mais utilizado é o Koha, software livre, sendo, inclusive, a ferramenta oficial para informatização das bibliotecas públicas da Turquia, Finlândia e Filipinas. Em Portugal, em 2019, houve um evento comemorativo dos 10 anos do Koha naquele país, sendo escolhido para uso na Biblioteca da Universidade do Minho, uma das universidades lusitanas mais conceituadas.

1.1 Tema

Koha: *software* aberto para gestão de bibliotecas.

1.2 Problema

A ferramenta Koha é o *software* livre mais utilizado no mundo, embora no Brasil isso não ocorra. Shintaku e Schiessl (2020) sugerem que o pouco número de bibliotecas usuárias do Koha, deve-se ao pouco conhecimento deste *software* por parte dos professores de biblioteconomia. Infere-se que este problema também pode ser decorrência da pouca literatura sobre o tema publicada no Brasil.

Portanto, a pesquisa tem a intenção de levantar os aspectos do koha que são apresentados na literatura publicada no Brasil e as instituições que usam a ferramenta.

1.3 Objetivos

Os objetivos estão divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

1.3.1 Objetivo Geral

Investigar o uso da ferramenta Koha no Brasil, por meio da literatura.

1.3.2 Objetivos específicos

- A) Pesquisar estudos que abordem o KOHA no Brasil;
- B) verificar a temática abordada nos estudos; e
- C) Identificar as bibliotecas que usam o Koha no Brasil.

1.4 Justificativa

Segundo IBICT (2020) “As bibliotecas de todo o mundo estão enfrentando escolhas difíceis acerca de quais serviços oferecer e de que forma, variando de restrições mínimas até o fechamento total”. Com dificuldades em manter pagamento de softwares privados, as instituições estão implantando *softwares* livres para ajudar no gerenciamento

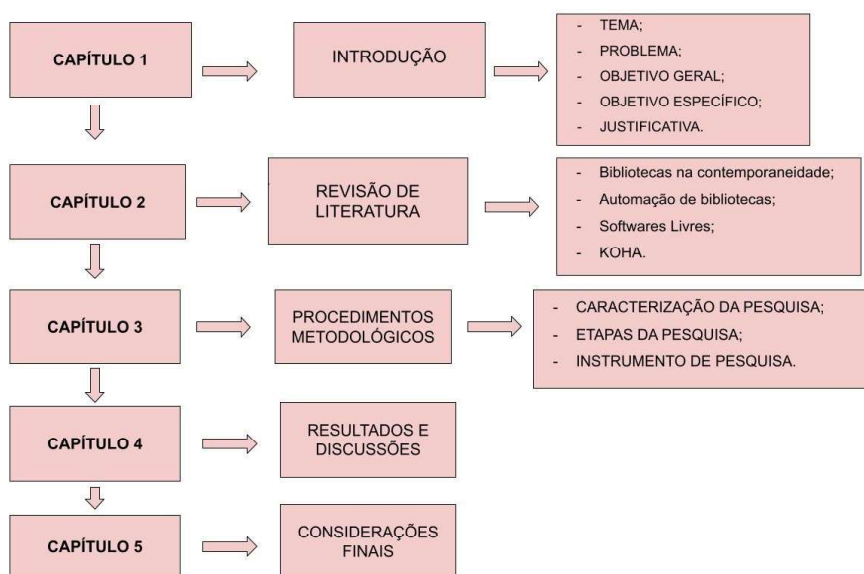
Com o surgimento de diversos *softwares* livres, fica a questão: qual atenderia melhor às necessidades da instituição? Diante dessa questão, o presente estudo

tem como justificativa apresentar e estudar o Koha, uma ferramenta criada para atender a biblioteca pública da Nova Zelândia que transpassou fronteiras, mas no Brasil ela é pouco usada e conhecida.

1.5 Estrutura do trabalho

A figura 1 ilustra a estrutura do presente estudo.

Figura 1: Estrutura do trabalho



Fonte: A autora (2021)

O capítulo 1 contextualiza o estudo, apresentando historicamente as bibliotecas como o contexto a qual a pesquisa ocorre. Da mesma forma apresenta o problema base da pesquisa, os objetivos a serem alcançados e a justificativa, pela qual o estudo se sustenta.

O capítulo 2 discorre sobre as bibliotecas na contemporaneidade, automação de bibliotecas, softwares livres e o Koha com vista a elencar sobre a abordagem teórica.

O capítulo 3 mostra os procedimentos metodológicos divididos em: caracterização da pesquisa, etapas da pesquisa e instrumento de pesquisa. Explicando como o estudo foi realizado

No capítulo 4 apresenta resultados e discussões referente aos objetivos propostos.

O capítulo 5 apresenta as considerações finais e o fechamento da pesquisa. Ao final são apresentadas as referências.

2 BIBLIOTECAS NA CONTEMPORANEIDADE

Houaiss (2001) apud Morigi e Souto (2005) conceitua que a palavra “biblioteca” tem origem do grego *biblíon* (livro) e *teke* (caixa, depósito) remetendo a um local de guarda de livros. Para Martins (2002) diversas bibliotecas surgiram na antiguidade, mas totalmente diferentes entre si. Essas diferenças estavam presentes por modelos de materiais que se encontravam nos diversos acervos, nessa época, as bibliotecas não possuíam características públicas e serviam exclusivamente como um tipo de depósito onde se guardava os livros.

Sendo assim, Santos (2012, p.176) coloca que os materiais dos acervos são estruturados em armários com divisórias e anexados um ao lado do outro, incluindo etiquetas que indicam os títulos das obras.

Battles (2003, p. 37) apud Santos (2012, p.176) coloca que:

[...] a reunião das obras em grande número ajudava, na verdade, mais a destruição que a preservação, e a maior parte das que sobreviveram pertenciam a pequenas coleções particulares. Ainda hoje, é difícil determinar a quantidade de obras que se perderam em incêndios e catástrofes por estarem reunidas em grandes quantidades.

Santos (2012) acredita que as bibliotecas possuem um papel importante na evolução da humanidade. Ressalta e questiona que:

Desde o início da humanidade, o homem tem se preocupado em registrar todo o conhecimento por ele produzido. Esta forma de registro evoluiu desde os blocos de argila até o armazenamento de dados em uma rede digital. Então se questiona: foi somente pela existência das bibliotecas que o homem se encontra hoje nesse período evolutivo, uma vez que o conhecimento do passado serviu de suporte para as novas descobertas. (SANTOS, 2012, p. 175).

Santa-Anna (2015, p.142), ressalta que na antiguidade, as bibliotecas desempenhavam a tarefa de guardar e manter em segurança, os documentos com informações criados pelo homem, escritos através de materiais especiais que podem garantir a conservação e preservação durante os anos. A história mostra que na antiguidade as bibliotecas nasceram a partir, “[...] da necessidade do homem em reunir e conservar os conhecimentos de sua época, o que só é possível a partir da invenção da escrita”. (SILVA (2013, p. 2) apud Santa-Anna (2015, p.142).

Galdino et al., (2011, p.12) apud Vidal e Karpinski (2019, p. 8) colocam que:

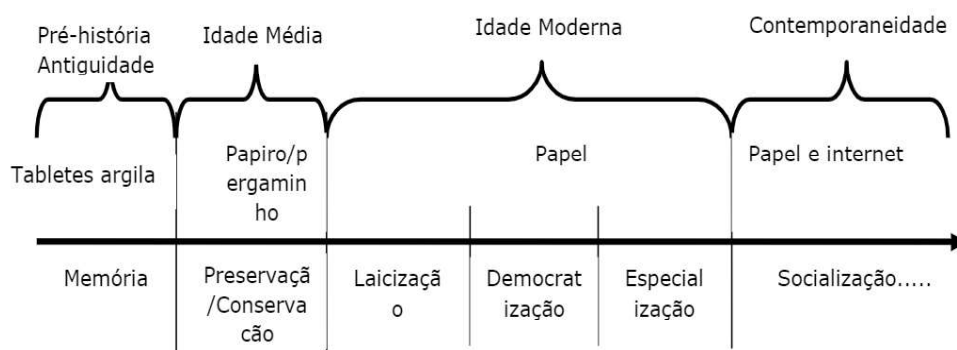
[...] Bibliotecas cumprem importantes fatores sociais, na medida em que desempenham funções de preservação e divulgação da memória de ambos. O fato é que a biblioteca como instituição de representação da informação servirá ao usuário até o fim dos tempos, pois a biblioteca é um local onde a mente humana é desvendada pelo conhecimento.

Com a invenção da escrita e a necessidade de registrar e preservar as informações e conhecimentos, pelos povos da antiguidade, fez com que eles montassem os documentos antes da criação dos registros. “Esse objetivo mudou no decorrer da sua evolução; as mudanças técnicas, como o uso do papel e a invenção da imprensa, tornaram a biblioteca mais acessível [...]”. (SANTOS, 2012, p.187).

Para Vidal e Karpinski (2019, p.8).

A Biblioteca é um mecanismo de promoção da aprendizagem, da criatividade, da socialização de informações e do conhecimento. Sabe-se que nenhuma biblioteca é igual à outra e trabalham de acordo com suas possibilidades e necessidades, uma Biblioteca pode trabalhar em benefício de uma comunidade nas mudanças de atitude perante a vida, promover e fomentar a formação da cidadania. Sendo assim as coleções das bibliotecas devem atender às necessidades dos usuários com qualidade e quantidade, proporcionando condições para seu efetivo funcionamento.

Santa-Anna (2015) com o passar do tempo os documentos indicam o surgimento de diversos e diferentes modelos de bibliotecas, possuindo também objetivos diferentes, de acordo com as características de seus usuários. Entretanto, com as modificações no ambiente da biblioteca, o significado da função do bibliotecário se definiu, como a prática de realizar a organização dos documentos, ajudando na hora da sua localização, sendo assim. Segundo Milanesi (2002, p.15) apud Santa-Anna (2015, p. 142-143), “[...] acervos e códigos integram-se num complexo que se constitui no mapa da produção humana, a grande memória que mantém vivos todos os cérebros mortos”.

Figura 2: Trajetória das bibliotecas

Fonte: Santa-Anna (2013)

2.1 Automação de Bibliotecas

Café; Santos e Macedo (2001) [...] As bibliotecas em alguns países desenvolvidos se automatizaram no decorrer dos anos 1980 e no começo dos anos 1990. Nesse período, foram as bibliotecas que iniciaram o processo de automação de seus acervos. Era o período em que os sistemas tinham o objetivo de resolver problemas essenciais. Em seguida, começaram a surgir *softwares* preparados para serem utilizados. Os autores ainda comentam que:

Não era mais a biblioteca que ditava suas necessidades, mas as empresas detentoras do produto que ofereciam sistemas nos quais vinham embutidas soluções para a automação da biblioteca como um todo. Se, por um lado, estes pacotes tinham de sofrer adaptações que nem sempre eram possíveis de serem concretizadas, por outro, esta nova era permitiu que bibliotecas de menor porte pudessem adquirir pacotes mais acessíveis financeiramente, iniciando assim a sua automação. (p. 70).

Côrte et al (1999, p. 241) falam das transformações que ocorreram na comunidade da informação motivando diversas mudanças nos costumes de usar a informação na sociedade, na vida pessoal ou no crescimento da carreira profissional, motivando as instituições a procura de uma maneira de modernizar as estruturas e rapidez nos serviços prestados aos seus usuários. Os autores relatam também que:

As bibliotecas e centros de documentação, como unidades organizacionais vivas, recebem interferência diária em seus processos de trabalho, o que torna imprescindível a adequação de suas estruturas organizacionais e de prestação de serviços à então propalada sociedade da informação.

Côrte et al (1999) apresentam que o processo de informatização, com os avanços tecnológicos relacionados às condições e exigências dos usuários levaram as organizações a selecionar e adquirir software (livres ou proprietários) e hardware com qualidades totalmente diversificadas, privilegiando a relação das funções de uma biblioteca, em uma linguagem que proporcione a interação entre usuário e máquina.

Com a evolução da tecnologia, as bibliotecas encontram-se em constante mudança e estão se informatizando com a intenção de aperfeiçoar os serviços prestados pela instituição e o atendimento aos usuários, possibilitando melhorar as formas de recuperar a informação que possui nas suas bases de dados. Sendo assim, diferentes instrumentos conectados à tecnologia da informação, como por exemplo a internet, e as ferramentas de gerenciar as bibliotecas se transformam em dispositivos obrigatórios e fundamentais, sendo as bibliotecas um lugar que possui a informação como produto para seus clientes. Para Tonding e Vanz (2018)

Os sistemas para gerenciamento de bibliotecas têm sua trajetória pautada pelo surgimento e disponibilização de novas tecnologias, que permitem que os sistemas sejam modernizados, visando atender as necessidades técnicas e informacionais contemporâneas das bibliotecas e de seus usuários internos e finais.

Teixeira e Marinho (2018) comentam que hoje em dia a informatização está presente no cotidiano e na vida das pessoas é quase impossível desprezá-la em uma comunidade globalizada e totalmente entregue aos avanços tecnológicos da comunicação e informação. Desde o início o homem vem buscando maneiras e técnicas para ajudar e reconfigurar as funções que, até então, se realizavam somente de maneira manual. Mas o que seria automação de bibliotecas? Para Obaseki (2011, p .63)

[...] processo que visa utilizar adequadamente as ferramentas tecnológicas (hardware e software) e suas diversas facilidades tais como cabos de rede, pacotes de softwares, scanners para a realização de atividades bibliotecárias que eram originalmente realizadas manualmente pelos bibliotecários.

A evolução das bibliotecas pode se dizer que foi pelo uso de ferramentas direcionadas à armazenar, compartilhar, tratar a informação para as plataformas digitais, como por exemplo a troca de informações e dados entre os repositórios

digitais (RD). Para Ávila, Silva e Cavalcante (2017, p.97) RD são “[...] fontes de informações digitais de acesso livre que permitem o armazenamento e a recuperação de informação através de uma plataforma online”. Sendo assim, a elaboração e criação de softwares caracterizam ferramentas que servem de ajuda para o usuário na busca da informação desejada.

Teixeira e Marinho (2018) colocam que a automação está além de ser um auxílio, pois representa equipamentos de comando, controle e condução de recursos para os sistemas computacionais. Tais ferramentas colaboram com administração informacional, reduzem o tempo, facilitam os procedimentos, auxilia com agilidade a tratar e recuperar a informação e comprova com enorme competência e poder operacional a gerenciar a curiosidade e necessidades dos usuários.

É muito importante que os bibliotecários a todo momento estejam preparados para administrar as bibliotecas com a ajuda da tecnologia, um exemplo de gerenciamento e na hora da seleção e escolha da ferramenta para a gestão dos serviços disponíveis na biblioteca. Andrade e Fonseca (2016, p. 125) fala que:

O profissional bibliotecário encontra várias opções para sua atuação no mercado de trabalho, e essa variedade de escolhas amplia-se ao unir as habilidades adquiridas na graduação ao conhecimento tecnológico. Com o acelerado crescimento na produção do conhecimento, os meios eletrônicos se tornaram indispensáveis para o armazenamento e gerenciamento de informações, e nesse contexto, tem se tornado cada vez mais natural a utilização de tais meios, pelo bibliotecário, como seu instrumento de trabalho. A familiarização desse profissional com o mundo tecnológico torna-se ainda mais vantajosa quando o mesmo procura avançar no conhecimento básico de informática, pois isso o possibilitará melhor manuseio dos equipamentos em uma biblioteca.

Nota-se que a automatização de uma biblioteca é essencial e indispensável para se ofertar novos serviços à comunidade, o bibliotecário deve entender e observar as necessidades da comunidade a qual está inserido e os pontos que precisa ser modificados e acrescentados ao determinar uma política de automação, seja usando *softwares* livres, gratuitos. com a “[...] adoção de um *software* e, mais ainda, de um sistema recente e contemporâneo, [que] requer uma fundamentação sobre as necessidades de implantação e sobre os benefícios que a mudança trará”. (TONDING; VANZ, 2018, p. 90).

A tecnologia tem afetado a vida de todos, seja pelo uso de equipamentos como celulares, notebooks, redes sociais, compras, etc. Do ponto de vista das bibliotecas não é diferente. Desde o início da informatização, com grandes equipamentos mainframe, até os dias atuais em que usam pequenos equipamentos com uma grande memória. As bibliotecas sempre lutaram para acompanhar a evolução da tecnologia. No início com *softwares* pagos, valores altos, ou *softwares* que não permitiam a gestão de todas as rotinas.

Segundo Schiessl e Shintaku (2020), em janeiro de 2000, dentre diversas ferramentas abertas, surgiu o KOHA, um sistema de código aberto conhecido e usado mundialmente em bibliotecas, criado na Nova Zelândia pela *Katipo* comunicações para o *Horowhenua*.

2.2 Softwares Livres

Figueiredo et al (2006, p.27) explicaram que *software* livre “se refere aos *softwares* que são fornecidos aos seus usuários com a liberdade de executar, estudar, modificar e repassar (com ou sem alterações) sem que, para isso, os usuários tenham que pedir permissão ao autor do programa”. A autora ainda ressalta que os softwares livres estabelecem quatro tipos de liberdade aos seus usuários definidas pela *Free Software Foundation* elas são:

1. A liberdade de executar o programa para qualquer propósito (liberdade no. 0);
2. A liberdade de estudar como o programa funciona e adaptá-lo para as suas necessidades (liberdade no. 1). Acesso ao código-fonte é um pré-requisito para esta liberdade;
3. A liberdade de redistribuir cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo (liberdade no. 2);
4. A liberdade de aperfeiçoar o programa e liberar os seus aperfeiçoamentos, de modo que toda a comunidade se beneficie (liberdade no. 3). Acesso ao código-fonte é um pré-requisito para esta liberdade.

Em seu estudo, Silveira (2004, p.11) contextualiza que “a licença do software livre é uma licença não-proprietária de uso. O software livre possui um autor ou vários autores, mas não possui donos”. Nesse sentido convém explicar que o software livre, permite ao seu usuário, o livre direito de também se tornar um desenvolvedor. O usuário ou empresa que adquire consegue usar para todo e

qualquer fim, além disso, tem a autorização para alterá-lo completamente. Para que o software seja considerado livre ele precisa disponibilizar o código - fonte. Só existe uma única proibição aos usuários que adquirem um software livre e de torná-lo proprietário.

Para Hexsel (2002)

O movimento de publicação de Software Livre ganhou notoriedade nos últimos anos. Este modo de produção de software tem resultado em produtos de excelente qualidade e grande penetração em certos nichos do mercado mundial de software. A característica mais importante do software livre é a liberdade de uso, cópia, modificação e redistribuição. Esta liberdade é conferida pelos autores do programa e é efetivada através da distribuição do código-fonte dos programas, o que os transforma em bens públicos, disponíveis para utilização por toda a comunidade e da maneira que seja mais conveniente a cada indivíduo.

Figueiredo et al (2005, p. 27) destacam que *softwares* livres são lançados sob uma licença como a GPL que concordam com conceito conhecido como *Copyleft*, que tem como principal objetivo a propagação dos direitos. Sendo assim, um software livre sem *copyleft* pode no futuro se tornar proprietário por um cliente. Já um *software* livre que possui a proteção de uma licença que tenha a *Copyleft* terá de ser oferecido com a mesma licença.

Silveira (2004,p. 15) destaca que:

Software Livre é Open Source. Open Source é um software que possui o código-fonte aberto. Entretanto é possível que um software de fonte aberta não assegure as quatro liberdades que caracterizam o software livre. Por isso é importante distinguir as categorias: software aberto, software gratuito e software livre [...].

Figueiredo et al (2005, p. 28) ressaltam que a autorização para usar o programa significa que os usuários físicos ou jurídicos possuem a liberdade de manusear o *software* em qualquer modelo de sistema computacional, para todo o tipo de atividade ou trabalho, sem precisar comunicar o desenvolvedor. Os autores ainda comentam que:

A liberdade de redistribuir deve incluir a possibilidade de se repassar tanto os códigos-fonte quanto os arquivos binários gerados da compilação desses códigos, quando isso é possível, seja o programa original ou uma versão modificada. Não se pode exigir autorização do autor ou do distribuidor do software para que ele possa ser redistribuído, já que as licenças de software livre já dão prévia autorização.

Figueiredo et al (2005) enfatizam que para alterar ou modificar o *software* é preciso ter acesso ao código-fonte. Desse modo, é de grande importância ter acesso aos pré-requisitos e fontes para que a instituição tenha total liberdade de mudar o *software*. Existe a possibilidade de que o código-fonte não seja enviado junto com o sistema adquirido, sendo assim, ele precisa estar disponível em locais para que possa ser transferido ao usuário.

2.3 KOHA

Schiessl e Shintaku (2020) colocam que o sistema Koha é um *software* de código aberto utilizado para auxiliar na gestão de bibliotecas, criado em 1999 pela *Katipo Communications Ltd* para a biblioteca *Horowhenua* na Nova Zelândia, portanto, o sistema começou a ser utilizado apenas em janeiro de 2000. Em 2020 o Koha completou 20 anos, sendo usado no mundo todo, mas ainda é pouco conhecido no Brasil.

Schiessl; Brasileiro; Macedo (2019) expõem que o Koha é um sistema *open source* (código aberto), sendo uma ferramenta gratuita, ele possui uma estrutura de procedimentos para ajudar a biblioteca na sua gestão como por exemplo: emite relatórios, catalogação, fornece etiquetas, exportar registros bibliográficos e de autoridade, produz carteirinhas para os usuários, realiza *upload* de capas de livros, etc. O *software* é compatível com o *MARC21*, *ISO2709*, entre outras, o Koha está sendo utilizado em diferentes bibliotecas ao redor do mundo, sendo bibliotecas escolares, universitárias, que possuem diversos exemplares.

Schiessl et al (2017) apresentam que o Koha possui um grande número de pessoas trabalhando para garantir seu funcionamento e aprimorar a ferramenta, sendo com conteúdos de novas funções, ou para manter o sistema sempre em funcionamento. Atualmente o Koha está na versão 18.05.05, sendo que no Brasil existem poucas bibliotecas que utilizam o *software*.

Schiessl, Brasileiro e Macêdo (2019) destacam que:

O Koha foi implementado primeiro na biblioteca Horowhenua Library Trust, na Nova Zelândia, e o fato de possuir código aberto contribuiu para sua disseminação nos anos seguintes à sua implantação. Os autores afirmam que com o crescimento do uso do sistema, também ocorre uma

expansão da sua rede de suporte, caracterizada, principalmente, pela ajuda mútua de seus usuários.

Schiessl et al (2017) comenta que o Koha é o software livre para bibliotecas mais usado mundialmente, países como a Turquia e as Filipinas, por exemplo, implantaram o Koha em todas as suas bibliotecas públicas. Ele é considerado a ferramenta mais produtiva entre os *softwares* livres, ele atende a demanda de vários critérios técnicos considerados importantes. Anuradha, Sivakaminathan e Arun Kumar (2011) apud Schiessl e Shintaku (2020, p.6) coloca que a ferramenta Koha é capaz de integrar-se a outros *softwares* livres, da forma que ajuda a ampliar os serviços oferecidos pelo sistema, especialmente na integração com funcionalidades voltadas a gestão de textos integrais digitais.

Walls (2011) apud Schiessl e Shintaku (2020, p.6) mostra que a migração para o Koha não apresenta problemas, visto que, o *software* usa o padrão MARC, portanto, o autor Walls coloca que toda migração de dados requer muito cuidado e atenção, pois é normal e comum encontrar dificuldades no decorrer do procedimento de transferência de informação.

Figura 3: Bibliotecas que utilizam o Koha no mundo



Fonte: Website librarytechnology.org apud Schiessl et al (2017)

A figura 3 apresenta as bibliotecas que utilizam o Koha no mundo, Schiessl et al. (2016) mostram que países como Turquia e Filipinas implantaram o Koha em todas suas bibliotecas públicas, sendo os países com o maior número de instalações do Koha. Ele é um *software* livre direcionado para bibliotecas utilizado

mundialmente. Os autores comentam também que “no Brasil, a cultura de uso de *software* livre para a gestão de bibliotecas se apresenta ainda tímida”.

Schiessl e Shintaku (2020, p.11) reforçam que:

[...] A pouca familiarização dos professores de biblioteconomia com a ferramenta koha, que pode ter influências na formação dos novos profissionais de biblioteca. Da mesma forma em que grande parte dos professores não conhecem o Koha, grande parte dos cursos de biblioteconomia são ofertados por instituições públicas que utilizam ferramentas pagas, diminuindo a possibilidade de contato dos discentes com o Koha.

Mesmo sendo um dos *softwares* gratuitos mais utilizados nas bibliotecas ao redor do mundo no Brasil o Koha é pouco conhecido e utilizado. Schiessl e Shintaku (2020, p. 3) destacam que um dos motivos do Koha ser pouco conhecido e utilizado é porque “como os docentes não estão familiarizados com o Koha, não repassam aos discentes, provocando a pouca divulgação dessa ferramenta entre os profissionais de biblioteca”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para Lüdke e André, (1986), “Pesquisar significa, essencialmente, promover o confronto entre o conhecimento teórico acumulado e as evidências empíricas”.

Para Lakatos (1970, p. 175) ciência é:

A ciência madura consiste de programas de pesquisa nos quais são antecipados não apenas fatos novos, mas também novas teorias auxiliares; a ciência madura possui ‘poder heurístico’, em contraste com os processos banais de tentativa e erro. Lembremos que na heurística positiva de um programa vigoroso há, desde o início, um esboço geral de como construir os cinturões protetores: esse poder heurístico gera a autonomia da ciência teórica.

Metodologia são “[...] instrumentos operacionais, sejam eles técnicos ou lógicos, mediante os quais os estudantes podem conseguir maior aprofundamento na ciência, nas artes ou na filosofia[...]”. (Severino, 2000, p.18).

3.1 Caracterização da pesquisa

Compreende-se que toda pesquisa pode ser conceituada dentro dos procedimentos metodológicos. Esse conceito se dá de acordo com os objetivos. Neste caso, por causa de seus objetivos, a pesquisa classifica-se como pesquisa bibliográfica e documental. Para Macedo (1994, p.13),

Portanto, a revisão bibliográfica ou revisão de literatura consiste numa espécie de varredura do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não reinvente a roda.

Quanto à natureza da pesquisa, trata-se de um estudo qualitativo, por meio de um levantamento bibliográfico sobre a ferramenta KOHA, realizada entre os meses de março e abril de 2020. Conforme Godoy, (1995, p. 21) “[...] O pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes[...]”. Para Gerhardt e Silveira (2009, p.31).

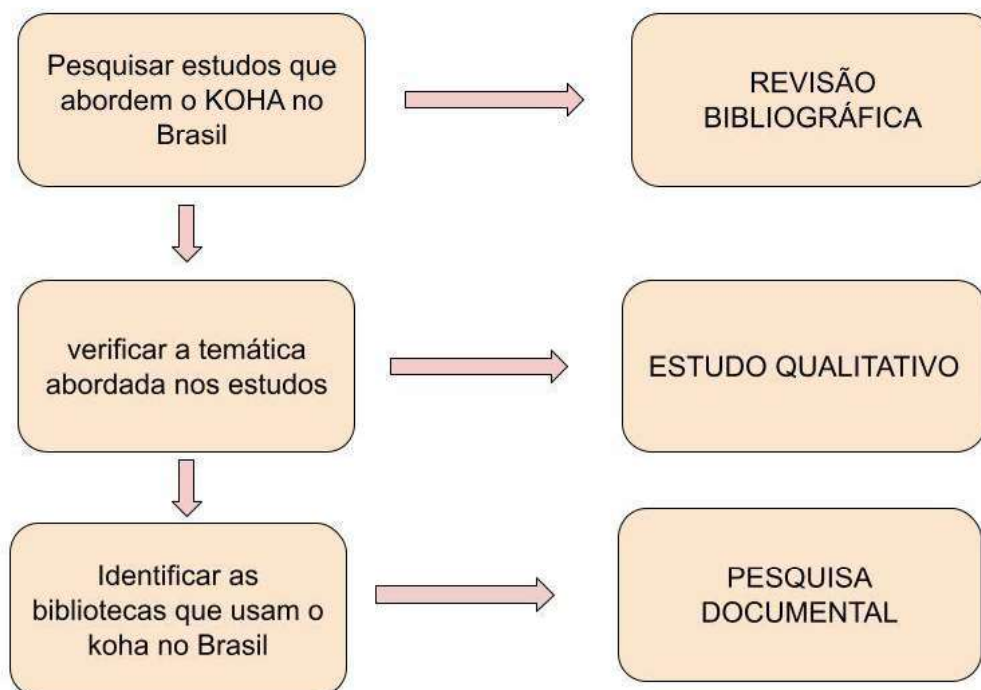
A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria.

As referências pesquisadas foram obtidas através das bases de dados: [Google acadêmico](#), [Biblioteca Eletrônica SciELO.org](#), [Brapci](#) e [Portal de periódicos Capes](#).

3.2 Etapas da pesquisa

De acordo com a figura 4, a pesquisa foi realizada nas seguintes etapas:

Figura 4: Etapas da pesquisa



Fonte: A autora

O estudo realizado trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Praça (2015, p. 83) destaca que a “pesquisa documental se assemelha à pesquisa bibliográfica, mas se limita na utilização de documentos que não receberam tratamentos analíticos”. Sendo assim, para alcançar o objetivo 1 foi realizado um levantamento bibliográfico nas seguintes bases de dados: [Google acadêmico](#),

[Biblioteca Eletrônica SciELO.org](#), [Brapci](#) e [Portal de periódicos Capes](#). Com o objetivo de recuperar documentos foram usados os seguintes termos: KOHA ou Koha no Brasil. Macedo, (1994, p.13) coloca que a revisão bibliográfica

Consiste numa espécie de varredura do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não reinvente a roda. (MACEDO, 1994, p.13).

O Google Acadêmico é uma ferramenta da Google, que permite fazer pesquisa de artigos acadêmicos, foram recuperados 266 trabalhos, mas foram descartados 254 por não se tratar do Koha ou por abordar ele em outros países.

SciELO.org é uma biblioteca científica eletrônica online de acesso livre de publicações digitais de periódicos científicos brasileiros, nela foram recuperados 3 documentos, que foram descartados por estarem em espanhol e por não abordarem o Koha no Brasil.

A base de dados Brapci atualmente disponibiliza referências e resumos de 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área de CI. Dos periódicos disponíveis, 40 estão ativos e 17 históricos (descontinuados), foram recuperados 10 trabalhos, sendo que apenas 5 artigos foram aproveitados.

O portal de periódicos Capes oferece acesso a diversos e diferentes conteúdos online, como por exemplo: textos disponíveis, periódicos científicos, nacionais e internacionais. Foram recuperados 78, mas apenas 2 artigos foram selecionados.

Após o levantamento bibliográfico, os artigos encontrados nas bases de dados foram selecionados e organizados no Gestor de referências Zotero em uma pasta chamada Koha no Brasil. Durante a seleção dos documentos foi detectado que haviam trabalhos duplicados, foi executado a "limpeza" das duplicatas.

Para fins da leitura dos documentos recuperados, foi aplicado o método qualitativo que "[...] não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc, [...]".(GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 31).

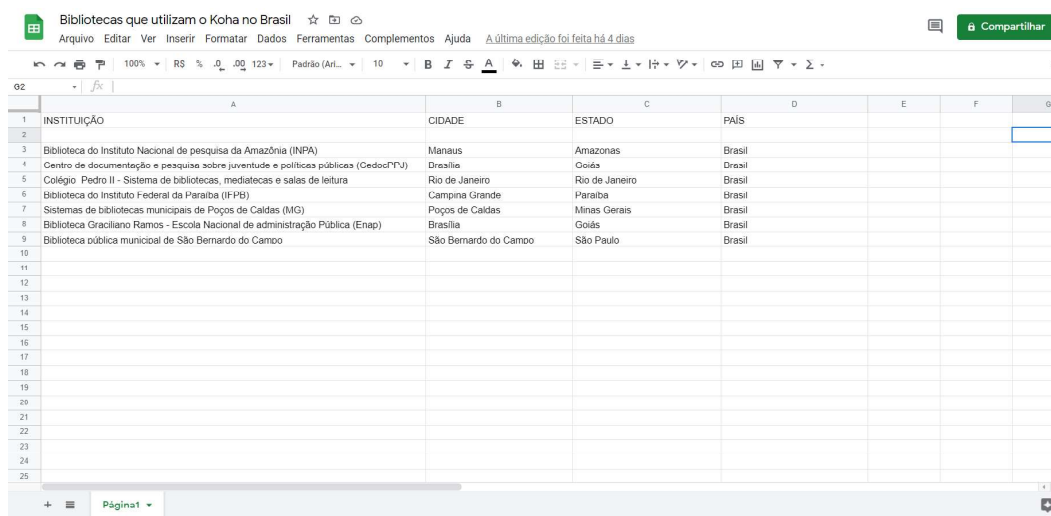
No decorrer da seleção e organização dos trabalhos no Gestor Zotero foi feita uma leitura dos resumos dos artigos e colocados em ordem cronológica. Durante a leitura foi identificado que alguns documentos não correspondiam ao tema da pesquisa, esses materiais foram descartados. Os critérios utilizados para o descarte

foram: não abordar o Koha, assunto principal, pesquisas que abordam o Koha em outros países, e não estar no idioma português.

3.3 Instrumento de pesquisa

O presente estudo utilizou como universo de pesquisa uma planilha criada no Google Docs.

Figura 5: Planilha criada no Google Docs



	A	B	C	D	E	F	G
1	INSTITUIÇÃO	CIDADE	ESTADO	PAIS			
3	Biblioteca do Instituto Nacional de pesquisa da Amazônia (INPA)	Manaus	Amazonas	Brasil			
4	Centro de documentação e pesquisas sobre juventude e políticas públicas (CedocPTUJ)	Brasília	Distrito Federal	Brasil			
5	Colégio Pedro II - Sistema de bibliotecas, mediatecas e salas de leitura	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro	Brasil			
6	Biblioteca do Instituto Federal da Paraíba (IFPB)	Campina Grande	Paraíba	Brasil			
7	Sistemas de bibliotecas municipais de Poços de Caldas (MG)	Poços de Caldas	Minas Gerais	Brasil			
8	Biblioteca Graciliano Ramos - Escola Nacional de administração Pública (Enap)	Brasília	Goiás	Brasil			
9	Biblioteca pública municipal de São Bernardo do Campo	São Bernardo do Campo	São Paulo	Brasil			
10							
11							
12							
13							
14							
15							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							

Fonte: A autora

A figura 5 mostra a planilha que foi criada para ajudar no levantamento das instituições que utilizam o Koha no Brasil. Para fazer o levantamento foi utilizado a plataforma Wiki do IBICT.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seção seguinte apresenta os resultados de acordo com os objetivos apresentados no capítulo 1, do presente estudo.

A presente pesquisa teve início em março de 2020, com a intenção de pesquisar estudos que abordassem o uso do *software* KOHA no Brasil. Para desenvolvimento do objetivo A foram realizadas buscas de documentos nas bases de dados: [Google acadêmico](#), [Biblioteca Eletrônica SciELO.org](#), [Brapci](#) e [Portal de periódicos Capes](#). Durante a busca foi recuperado 357 trabalhos, sendo, que 338 documentos não estavam dentro do proposto, tais materiais foram descartados. Por não abordarem o Koha no Brasil e estar em outro idioma.

Após as buscas nas bases, os trabalhos encontrados ficaram em 19, mas tinham trabalhos duplicados, então foi realizada a limpeza dos materiais, ficando apenas em oito documentos que foram analisados e colocados em ordem cronológica no Gestor Zotero.

4.1 Sobre a temática dos estudos

Para cumprir o objetivo B, verificar a temática abordada nos estudos, foi proposto a análise qualitativa dos trabalhos que tratam do tema Koha no Brasil.

Fernandez (2013) abordou a análise do uso de softwares livres na administração pública a partir do caso do Koha *Library System* nas bibliotecas de São Bernardo do Campo, destacando a importância destes *softwares* na gestão e observando aspectos positivos e negativos. Na metodologia o autor colocou tratar-se de uma revisão bibliográfica sobre o uso de *softwares* livres na gestão pública, ele também destacou que foi realizado um estudo de caso da Prefeitura de São Bernardo do Campo - SP sobre o uso de ferramentas para o controle do acervo nas bibliotecas.

O autor explicou que em relação a coleta das informações foram encaminhadas diretamente pelo sistema para os funcionários que desenvolveram o projeto de implantação do Koha na cidade. Verifica-se com isso que os *softwares* livres estão ganhando espaço ao decorrer do tempo e que essas ferramentas são de grande ajuda no gerenciamento das bibliotecas. Destacando o uso do Koha nas

bibliotecas da cidade de São Bernardo do Campo que adotou diversos *softwares* livres antes da implantação do Koha.

Figueiredo (2015) relata no seu estudo os testes da implantação do software Koha no colégio Pedro II, localizado no Rio de Janeiro durante o semestre de 2014, apontando as principais características do Colégio e o sistema de bibliotecas, mediatecas e salas de leitura, para apontar as necessidades da instituição no gerenciamento de bibliotecas. O trabalho destacou as características do Koha por meio de análises da ferramenta e pelo grau de dificuldade encontrado ao decorrer dos testes realizados. A pesquisa é concluída afirmando que os testes foram realizados com sucesso.

Schiessl et al (2016), tiveram como objetivo a divulgação do uso do Koha como uma nova geração de Sistema Integrado de Gestão de Bibliotecas (SIGB), um *software open source* que possui os módulos principais de um SIGB para suprir as demandas do gerenciamento de bibliotecas. Os autores realizaram uma pequena revisão de literatura, analisando documentos técnicos disponíveis e usando uma versão para testes do Koha. Os resultados da pesquisa indicaram que a ferramenta Koha é uma opção acessível de *software* livre, ele disponibiliza funções desejadas pelos gestores de bibliotecas. O estudo apresenta as funcionalidades do Koha, o artigo também aponta alguns comentários de outros autores ao redor do mundo sobre as funcionalidades da ferramenta.

Figueiredo e Torquato (2017) relataram a experiência após a etapa de implantação do *software* Koha no Colégio Pedro II. O relato aponta que com a implantação do Koha, boa parte dos campi estão caminhando e se preparando para a automação dos produtos e serviços. Verificou que com o relato de experiência as dificuldades enfrentadas pelos bibliotecários do colégio Pedro II, após a implantação do Koha comentaram que:

[...] A comunidade internacional não oferecia manual de usuário em português, as dúvidas eram sanadas nos manuais em inglês e espanhol e com bibliotecários brasileiros que já tinham implantado esse SIGB em suas bibliotecas.

Schiessl et al (2017) apresentaram o uso do software livre Koha como Sistema Integrado de Gestão de Bibliotecas (SIGB) na Biblioteca de Juventude da SNJ. Outro ponto que o artigo relata é a formação da Biblioteca de Juventude,

contribuindo com as discussões sobre bibliotecas especializadas vinculadas a órgãos públicos. O estudo concluiu que com a implantação do Koha na biblioteca a instituição apresentou ganhos pois é um *software* que proporciona as principais atividades da biblioteca sem qualquer tipo de pagamento.

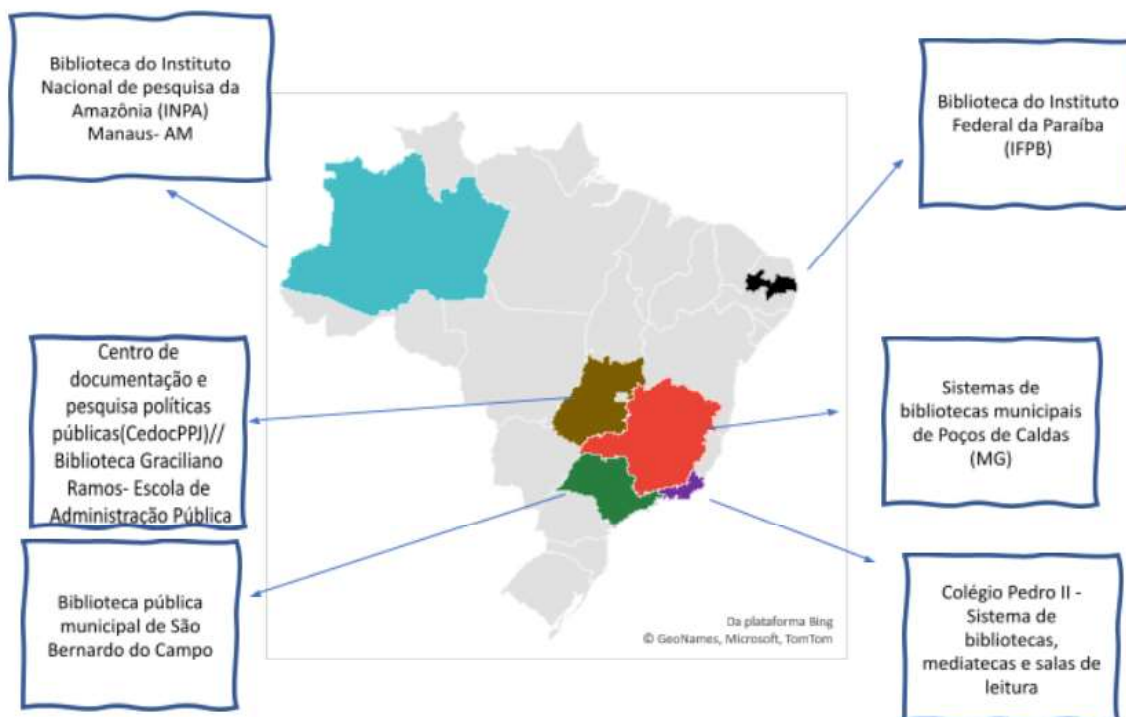
Schiessl et al (2020) apresentaram um estudo que teve como objetivo verificar a adequação do software Koha ao uso do RDA e LRM na catalogação, visto ser uma ferramenta livre de código aberto mais utilizada no mundo para informatização de bibliotecas, especialmente na gestão de acervo físico. O artigo foi uma pesquisa exploratória e qualitativa, sendo que no Brasil o tema é pouco conhecido.

Schiessl e Shintaku (2020) apresentam a análise do grau de conhecimento sobre o *software* Koha pelos docentes do curso de graduação em Biblioteconomia no Brasil. Para realizar o objetivo foi usado a técnica do Survey por meio de questionário eletrônico, que foi enviado a docentes dos cursos de biblioteconomia em todo o país. O estudo confirmou que 61,4% dos professores que responderam o questionário não conhecem o Koha. Constata-se que com a pesquisa da Schiessl e Shintaku, mesmo o Koha sendo o *software* mais usado no mundo, no Brasil ele é pouco conhecido pelos profissionais da informação devido a isso os futuros bibliotecários acabam não conhecendo e nem tendo acesso ao Koha.

Schiessl; Shintaku e Brasileiro (2020) abordaram uma pesquisa que teve como objetivo apresentar a experiência de migração de dois Sistema Integrado de Gestão de Biblioteca distintos (PHL e Pergamum) para o Koha. Como metodologia foi realizado o processo de migração de dados entre *softwares* diferentes. Os autores relatam que não foram migrados apenas registros bibliográficos, mas também os registros de usuários e histórico de circulação de itens.

A figura 6 apresenta os resultados referente ao objetivo C que buscou identificar instituições que usam o Koha no Brasil.

Figura 6: Mapa das instituições que utilizam o Koha no Brasil



Fonte: A autora

Em 2018 o IBICT na sua página WIKI disponibilizou uma lista com sete instituições que utilizam o Koha no Brasil, essa é a única plataforma no país que realiza essa contagem. Conforme é figura é possível ver que diversas regiões não apresentam uso da referida ferramenta.

A Biblioteca do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (INPA) foi criada em 1954, os primeiros materiais do acervo foram obras que eram da biblioteca particular do naturalista João Barbosa Rodrigues. A biblioteca do INPA está localizada na cidade de Manaus. Atualmente ela ocupa três prédios, sendo que no primeiro se encontra o serviço de referência, salas de estudos, sala de exposição, laboratório de informática, atendimento ao usuário etc, o segundo prédio fica o acervo geral que possui, dissertações, teses, periódicos e livros, o terceiro fica localizado um auditório, processamento técnico e de periódicos, setor de intercâmbio da revista Acta Amazônica.

O Centro de documentação e pesquisa sobre juventude e políticas públicas (CedocPPJ) foi criado, em agosto de 2014 ela está localizada na sede da secretaria em Brasília, sob responsabilidade do Observatório Participativo da Juventude. O acervo possui diversos itens como: documentos textuais, iconográficos,

audiovisuais, objetos históricos e tridimensionais. A Biblioteca Graciliano Ramos - Escola Nacional de Administração Pública (Enap) tem como objetivo disseminar e tratar a informação. Em 2019 a Enap passou a ter duas bibliotecas, uma no campus Asa Sul e a outra no campus Jardim. O acervo atualmente possui cerca de 15.000 títulos de livros, no campus Asa Sul, e 9.000 no campus Jardim.

Colégio Pedro II - Sistema de bibliotecas, mediatecas e salas de leitura, localizada no Rio de Janeiro, o sistema foi criado em 2004, com objetivo de atender a comunidade escolar, tendo como público alvo professores, técnicos-administrativos, alunos de pós-graduação e educação básica. O acervo é desenvolvido para a área da educação, contém materiais como: acervos recreativos, literatura infantil e infanto-juvenil, histórias em quadrinhos, dicionários e enciclopédias, livros acadêmicos, livros didáticos, manuais e paradidáticos.

A Biblioteca do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) possui 18 bibliotecas. O acervo compõe Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC, livros etc. A biblioteca Poeta Zé da Luz, no Campus Campina Grande, foi selecionada para ser o teste piloto na implantação do Koha. Sistemas de bibliotecas municipais de Poços de Caldas (MG) possui cinco bibliotecas públicas sendo elas: a biblioteca Sede – Centenário, biblioteca Prof. Júlio Bonazzi, biblioteca Manuel Francisco Costa Guimarães, biblioteca Marcus Vinícius de Moraes, biblioteca Nilza Botelho Megale, coordenadas pela Secretaria Municipal de Cultura.

A Biblioteca Pública Municipal de São Bernardo do Campo, criada em 1958, para atender a sociedade, possui seis unidades centrais e 40 pontos de leitura divididos entre salas, caixas biblioteca, pequenos acervos e pontos distribuídos pelos programas Leitura para Todos e Espalhando a Leitura. O acervo contém livros em braille, CDs, DVDs, fitas de vídeo, livros, jornais, jogos e outros materiais, que podem ser consultados e emprestados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo estudar o que os profissionais da informação estão falando e escrevendo sobre o *software* Koha no Brasil. A pesquisa foi desenvolvida como uma revisão bibliográfica e documental com dados qualitativos, os objetivos propostos foram explicados na seção resultados e discussões.

Na literatura brasileira existem poucas publicações que abordam o Koha no Brasil. A literatura encontrada, na sua maioria, está em inglês ou espanhol e destacam o uso do *software* em outros países como por exemplo: Alemanha, Espanha, Austrália, Bangladesh e China

A pesquisa mostra as sete instituições que utilizam o Koha no Brasil, sendo que duas estão localizadas em Brasília, Rio de Janeiro, Manaus, Campina Grande, Poços de Caldas e São Bernardo do Campo. Percebe-se que existem poucas bibliotecas que implantaram o Koha e isso está ligado devido ao pouco conhecimento dos profissionais da informação com a ferramenta.

O estudo coloca que muitas das publicações encontradas na literatura Brasileira são relacionadas a implantação do Koha nas bibliotecas brasileiras que usam o software, sendo que dos oito artigos analisados cinco trazem essa temática.

Durante a busca foram identificados que os autores que mais produzem trabalhos sobre o Koha no Brasil e a Ingrid Torres Schiessl que possui mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Ciência da Informação (PPGCinf/FCI) da Universidade de Brasília e Milton Shintaku que é o coordenador de tecnologias para informação - COTEC do instituto Brasileiro de informação em ciência e tecnologia - IBICT.

O presente estudo conclui que mesmo o Koha sendo um sistema de código aberto utilizado para auxiliar na gestão de bibliotecas, criado em 1999 pela *Katipo Communications Ltd* para a biblioteca *Horowhenua* na Nova Zelândia, sendo uma ferramenta gratuita, que pode ser usada em diferentes bibliotecas: universitárias, públicas, escolares, usado mundialmente. Ele ainda é pouco conhecido e usado no Brasil, como consequência existem poucos autores e publicações Brasileiras sobre a ferramenta esse fato está ligado ao pouco conhecimento que os profissionais da informação ou professores possuem sobre o software, muitos nunca ouviram falar sobre o Koha.

REFERÊNCIAS

A covid-19 e o setor de bibliotecas em termos mundiais. **IBICT**, 2020. Disponível em: <https://ibict.br/sala-de-imprensa/noticias/item/2138-a-covid-19-e-o-setor-de-bibliotecas-em-termos-mundiais>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

ÁVILA, B. T.; SILVA, M.; CAVALCANTE, L. Uso de repositórios digitais como fonte de informação por membros das universidades federais brasileiras. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 27, n. 3, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/95552>. Acesso em: 20 nov. 2020.

ANDRADE, Valéria Beatriz; FONSECA, Antonio Luís. Formação continuada do bibliotecário: a importância da capacitação na área da informática para o profissional da informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 21, n. 47, p. 124- 144, set/dez, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2016v21n47p124/32345>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BATTLES, Mathew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BIBLIOTECAS QUE UTILIZAM O KOHA NO BRASIL. **Ibict WIKI**, 2018. Disponível em: http://wiki.ibict.br/index.php/Bibliotecas_que_Utilizam_o_Koha_no_Brasil. Acesso em: 15 de abril de 2021.

CÔRTE, Adelaide Ramos e t al. Automação de bibliotecas e centros de documentação: o processo de avaliação e seleção de softwares. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 241-256, set./dez. 1999. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/828/860>. Acesso em: 28 de março de 2021.

CAFÉ, Lígia; SANTOS, Christophe dos; MACEDO, Flávia. Proposta de um método para escolha de *software* de automação de bibliotecas. **Ci. Inf.**, v.30, n.2 Brasília, May/Aug. 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652001000200009&script=sci_arttext. Acesso em: 28 de março de 2021.

FIGUEIREDO, Arianne Vivian de Souza et al. Softwares Livres: Vantagens. **Maringa Management: Revista de Ciências Empresariais**, v. 2, n.1, p. 26-33, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/199473184.pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2021.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de . Análise do aplicativo Koha no Colégio Pedro II: Um relato de experiência. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 13, n. 3, p. 653-665, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2125>. Acesso: 10 de abril de 2021.

FIGUEIREDO, Márcia Feijão de; TORQUATO, Lehy Chung Baik. Cenário pós-implantação do software Koha no colégio Pedro II. **Revista conhecimento em**

ação, Rio de Janeiro, v.2, n. 2, jul/dez, p. 146-158, 2017. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/86936>. Acesso em: 20 fev. 2020.

Fernandez, Rafael Saad. O uso de softwares livres na gestão pública de acervos informacionais: o caso do Koha nas bibliotecas de São Bernardo do Campo. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 18, n.2, p. 231- 248, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16174>. Acesso em: 20 de março de 2020

GALDINO, R. Z. et al. História da ciência da informação e da biblioteca: a memória da escrita e da biblioteca. In: **ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO**. 14., 2011. São Luiz. Anais... São Luiz do Maranhão, 2011. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/HIST%C3%93RIA%20DA%20CI%C3%84NCIA%20DA%20INFORMA%C3%87%C3%83O%20E%20DA%20BIBLIOTECA%20A%20Mem%C3%B3ria%20da%20Escrita%20e%20da%20Biblioteca.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2020.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**, São Paulo, v. 35,n.3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf> . Acesso em: 08 agosto. 2020

HEXSEL, Roberto A. **Propostas de Ações de Governo para Incentivar o Uso de Software Livre**. Relatório Técnico do Departamento de Informática da UFPR, 2002. Disponível em http://www.inf.ufpr.br/info/techrep/RT_DINF004_2002.pdf. Acesso em: 18 de abril de 2020.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JESUS, Deise Lourenço; CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca do futuro: Uma olhar em direção ao presente. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 24, n. 3, p. 311 – 334, set./dez. 2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/38022/pdf>. Acesso em: 18 nov. 2020

LAKATOS, I. & MUSGRAVE, A. **Criticism and the Growth of Knowledge**. Cambridge, Cambridge University Press, 1970.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf. Acesso em: 11 março. 2020.

MACEDO, Neusa Dias de. **Iniciação à pesquisa bibliográfica**: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. 2.º ed, São Paulo: Edições Loyola, 1994. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=2z0A3cc6oUEC&oi=fnd&pg=PA7&dq=pesquisa+bibliografica&ots=SDZo2lvvGI&sig=p3QxRKHP9aq9noTQqQXt6iQwEF8#v=onepage&q=pesquisa%20bibliografica&f=false. Acesso em: 21 nov. 2020.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002

OBASEKI, T. I. Informatização de bibliotecas: a realidade nigeriana. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília (SP), v. 5, n. 1, p. 63-72, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis/issue/view/73>. Acesso em: 19 abr. 2019.

PRAÇA, Fabíola Silva Garcia. Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão. **Revista Eletrônica “Diálogos Acadêmicos”**. [s.l.], nº 1, p. 72-87, JAN-JUL, 2015. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170627112856.pdf. Acesso em: 12 de abril de 2021.

REDE DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE SÃO BERNARDO DO CAMPO. **Bibliotecas Públicas Municipais de São Bernardo do Campo**. [s.d]. Disponível em: <https://bibliotecapublica.saobernardo.sp.gov.br/>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das bibliotecas da antiguidade ao renascimento. **RBB**: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v.8, n.2, p. 175- 189, jul/dez. 2012. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/download/237/235> . Acesso em: 14 abril. 2020.

SANTA-ANNA, Jorge. Trajetória histórica das bibliotecas e o desenvolvimento dos serviços bibliotecários: da guarda informacional ao acesso. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, SP, v.13, n.1, p.138-155, jan/abr. 2015. ISSN 1678-765X. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>. Acesso em: 30 out. 2020.

SANTA-ANNA, J. A redefinição da biblioteca no século xxi: de ambientes informacionais a espaços de convivência. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 232-246, 2016. DOI: 10.20396/rdbci.v14i2.8641701. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8641701>. Acesso em : 22 nov. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 21° ed. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Software livre: a luta pela liberdade do conhecimento**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. Disponível em: https://bibliotecadigital.fpabramo.org.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/299/Software_livre.pdf?sequence=%201%20&%20isAllowed=y. Acesso em: 5 de abril de 2021.

SILVA, Elane Ribeiro. **As bibliotecas como espaço de preservação da memória da humanidade: passado, presente e futuro das unidades de informação**. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/aluno-ccje/Downloads/155-429-1-PB.pdf>. Acesso em: 30 out. 2020.

SOBRE A BIBLIOTECA. **Biblioteca Graciliano Ramos**, [s.d]. Disponível em: <https://biblioteca.enap.gov.br/index.php/sobre-a-biblioteca>. Acesso em: 02 de maio de 2021.

SCHIESSL, Ingrid Torres; SHINTAKU, Milton. O conhecimento sobre o software Koha no Brasil pelos professores de Biblioteconomia de cursos presenciais. **RDBCI: Revista Digital Biblioteconomia e Ciências da Informação**, Campinas, SP, v.18, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8656058/22074>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHIESSL, Ingrid Torres et al. Implantação do sistema de gestão de biblioteca Koha na biblioteca de juventude da SNJ. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Anais [...]**. Fortaleza: Febab, 2017. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1986>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHIESSL, Ingrid Torres; BRASILEIRO, Italo Barbosa; MACÊDO, Diego José. Koha: Sistema de Biblioteca da SNJ. In: SHINTAKU, Milton; BRITO, Ronnie Fagundes de; BARCELOS, Janinne (org.). **Soluções Tecnológicas para Gestão do Conhecimento sobre Juventude**. Brasília: Ibict, 2019.p. 65-76. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/1078>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHIESSL, Ingrid Torre; BRASILEIRO, Ítalo Barbosa; SHINTAKU, Milton. A implantação do software Koha na Biblioteca Graciliano Ramos da Escola Nacional de Administração Pública. **Inf. Prof.**, Londrina, v. 9, n. 2, p. 218 – 239, jul./dez. 2020. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1150/1/SCHIESSL_BARBOSA_SHINTAKU_AIMPLANTA%c3%87%c3%83ODOSOFTWAREKOHANABIBLIOTECAGRACILIANORAMOSDAESCOLANACIONALDEADMINISTRA%c3%87%c3%83OP%c3%9aBLICA_2020.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2021.

SCHIESSL, Ingrid Torre et al. Análise prática do recurso descrição e acesso e Modelo de Referência Bibliotecária no Koha no processo de catalogação. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.30, n.3, p. 1-14, jul./set. 2020. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1117/1/VOTTO_SHINTAKU_SCHIESSL_MURAKAMI_MACEDO_AnalisePraticadoRecursoDescricaoeAcessoModelodeReferenciaBibliotecariaKohanoProcessodeCatalogacao_2020.pdf. Acesso em: 14 de abril de 2021.

SCHIESSL, Ingrid Torre et al. Koha : um sistema integrado de gerenciamento de bibliotecas. in **Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias**, XIX, 2016, Anais, Disponível: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/237>. Acesso em: 14 de abril de 2021.

TEIXEIRA, C. M. S.; MARINHO, R. R. Planejamento e gestão do processo de automação de bibliotecas: experiências de aprendizado no curso de biblioteconomia. **Convergência em Ciência da Informação**, v. 1 n. 2, n. 2, p. 57-65, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/140331>. Acesso em: 20 nov. 2020.

TONDING, Fabiana John; VANZ, Samile Andréa de Souza. Plataformas de serviços de bibliotecas: a evolução dos sistemas para gerenciamento de bibliotecas. **Perspect. ciênc. inf.** Belo Horizonte, v. 23, n. 4, oct/dec, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362018000400073&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 19 nov. 2020.

VIDAL, Mariana Jucelina; KARPINSKI, Cezar. Histórias que as bibliotecas contam: A biblioteca particular professor Osni de Medeiros Regis. **RDBCI: Rev. Digit. Bibliotecon. Cienc. Inf**, Campinas, SP, v. 17, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8653453/21364>. Acesso em: 20 nov. 2020.

